

A peça em falta

Numa terra onde os tons de cinza e preto substituíram as irradiantes nuances de azul e verde, uma figura surge no nevoeiro. Pela falta de foco, é difícil identificá-la, parece um majestoso cavaleiro... À medida que se aproxima, a figura vai diminuindo, revelando ser uma criança. Uma menina magra, com cabelo esgrouviado e roupas retalhadas, que se depara com uma casa completamente destruída com marcações de sangue nos escombros e sem vestígios de vida.

A memória do sucedido regressa e a criança começa a chorar, caindo de joelhos perplexa. Nas primeiras vezes que retornara, não tivera coragem de procurar por recordações, mas hoje faz uma promessa de que encontrará nem que seja a mais ínfima delas.

A deterioração dos destroços complica a sua procura, pelo que o único objeto encontrado é um livro fragmentado, admirado pelos seus pais. Agora isolada, é o momento ideal para ler o que resta do mesmo.

“Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,”

A menina está assustada, o livro que tinha nas mãos desaparece, pensa que desapontou novamente os pais e, inesperadamente, o cenário muda. Já não está na cidade, mas num campo repleto de flores que a cativam. Após os encantos florais, observa a paisagem e, ao longe, avista uma pequena vila. Queria aproximar-se, o que não esperava era que um homem gigante estivesse atrás de si.

- Estás com fome? Tenho-te observado e parecia que querias devorar as pobres flores, não achas que estão melhor no solo? Toma um pouco de pão.

- Obrigada.

- Obrigada eu. Eu sou Viriato. Há pouco tempo supliquei por um sinal que me ajudasse a decifrar um dilema. Algo está prestes a acontecer e precisava de uma confirmação. Parece que um pequeno sacrifício é fundamental para o futuro do meu povo... Não sei ao certo o que estás aqui a fazer, mas é melhor apressares-te e não deixes que ninguém te veja.

Seguindo o conselho de Viriato, decide voltar às flores onde se encontra o livro e prossegue a sua leitura.

“Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que, por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.”

Com o novo desaparecimento da obra, um impetuoso castelo surge além. Ouve um ruído nos arbustos e decide averiguá-lo. Encontra um jovem a escrever e cumprimenta-o. Este, surpreso, começa a partilhar a sua história, sem saber porquê.

- O herói é o meu irmão e melhor amigo. Estou a descrever os momentos mais marcantes da sua vida, a morte do seu pai, a promessa que lhe fez aos oito anos no alto da torre de Coimbra, frente aos sarracenos, até os dias de hoje, especialmente amanhã, na batalha que mudará o mundo como o conhecemos. Sabes que mais? Acho que posso arranjar um encontro... Chamo-me Lourenço, prazer.

Pelo caminho continuam a conversa. Lourenço apresenta-a ao seu irmão e a criança deslumbra-se com a sua altura. D. Afonso Henriques ajoelha-se, estendendo o seu braço, mas a criança abraça-o e murmura ao seu ouvido “Mostra-lhes a garra lusitana.”. O gigante sorri, admirado com tal gesto. Ao ver uma luz numa das janelas, a menina começa a correr.

“Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,”

Brites de Almeida vive isolada da sociedade, portanto uma criança à sua porta surpreende-a. Decide ajudá-la ao vislumbrar o seu olhar descaído e faminto, tentando esconder as suas mãos, mas a criança consegue observar os seus doze dedos. Maravilhada, elogia-as. Brites irradia alegria neste momento inédito.

Algum tempo depois, ouvem a marcha de um grupo de sete soldados castelhanos que se aproximam. Brites protege a padaria e a menina, escondendo-a no baú. Sai vitoriosa do combate, matando os seus oponentes.

Quando retorna a casa, a menina já lá não está, mas não se preocupa, pois sente que está segura.

“Assim fomos abrindo aqueles mares,
Que geração alguma não abriu,
As novas Ilhas vendo e os novos ares
Que o generoso Henrique descobriu;”

A menina vê um homem numa arribada com um chapéu engraçado e senta-se ao seu redor, fixando o olhar no acessório. O infante D. Henrique fica incomodado, mas o facto de não o ter cumprimentado formalmente deixa-o confortável.

- Este lugar é muito especial por esta vista deslumbrante. É certamente o meu sítio de eleição para refletir. Ser um líder, constantemente assertivo, tomar decisões brutais, decidir estratégias, rever planos e escolher destinos é complicado, mas essencial para concretizar o meu sonho. É necessário levar os nossos padrões além-mar e desmistificar mitos. A jornada é longa e dura e, infelizmente, não sei se apreciada.

A criança mostra um sorriso de garantia, que tranquiliza a sua mente atribulada. Este, querendo retribuir a bondade da menina e a sua qualidade de boa ouvinte, encontra no bolso um protótipo de navio. Quando tenta entregá-lo, ela desaparece.

De repente, está num navio com um homem apreensivo a divagar da proa à popa. Não sabe o porquê da mudança. Não conseguiu encontrar o livro desta vez, mas isso não a impede de o abordar:

- Está bem?

- Estou um pouco preocupado com a viagem de amanhã, o desvendamento das ilhas paradisíacas do Atlântico. Confio plenamente no Infante. Apesar da sua fama de louco, é um homem de visão com as melhores intenções para toda a nação. É uma viagem arriscada com as tempestades que se aproximam... - vê a criança pela primeira vez, irrita-se e expulsa-a do barco. - Não devias estar aqui, vai antes que te vejam!

A menina reencontra o livro na praia.

“O favor com que mais se acende o engenho
não no dá a pátria, não, que está metida
no gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.”

D. João VI está desiludido pois queria que hoje fosse a festa de celebração do seu trisavô pela conquista da independência. Frustrado, anda pelos jardins do castelo, onde vê uma menina escondida entre os arbustos e vê a oportunidade perfeita para honrar os seus ascendentes, já que o dia não estava a correr como pretendia, mantendo a tradição de quatro gerações e a reafirmação de Portugal.

O livro está entre dentes-de-leão, o rei pergunta se é da criança e ela confirma. Ele acrescenta que a planta simboliza liberdade, otimismo, esperança e luz e, enquanto ela lhe oferece uma, ele sorri.

“Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigno os Elementos terem guerra.”

O chão treme tanto que os edifícios desabam, a menina fica com o pé preso sem conseguir mover-se e vê o mundo cair. O recuo prolongado do mar é um indicativo de tsunami, mas ninguém o sabe. Por isso, quando as ondas se aproximam, é uma surpresa para todos. Felizmente, um desconhecido ajuda-a a escapar. Ambos se seguram numa torre de pedra utilizada nos autos de fé, que não ruiu.

Com o início dos incêndios, toda a esperança arde e os crimes, como roubos e abusos, surgem. A negatividade ergue-se das cinzas e do sangue derramado, definindo profundamente a natureza humana marcada pelo ódio, inveja e ambição.

Nem tudo é negativo e, para surpresa da menina, a maior parte das pessoas se entreajudam. Neste momento penoso, a solidariedade e a empatia dominam o núcleo do Homem. Ela impressiona-se com a morte de uns para ajudar outros, uma morte heroica que os torna autênticos mártires.

O livro aparece brilhando mais do que nunca.

“Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;”

A menina está de volta ao seu lugar preferido de infância, o parque que já não está cinzento, mas verde e com muitas crianças. Começa a correr para a sua casa, o

nevoeiro desvaneceu e, pelo caminho, pensa “O que será que mudou? Será que está prestes a repetir-se? Que milagre é este?”.

Ao chegar, repara que, à sua porta, está um grupo de pessoas que reconhecem todos os participantes desta impossível aventura. De seguida, dois homens aparecem às suas costas, ambos com um livro nas mãos, introduzindo-se como Camões e Pessoa.

- Tu mostraste e lembreste o verdadeiro significado de coragem, bravura, compaixão e determinação - começou Camões.

- És a peça que faltava no puzzle e o incentivo necessário para mudar as vidas do povo lusitano.

- Nós os dois tentámos reconstruir a nossa nação usando alguns destes exemplos, mas nada ocorreu como desejávamos. Edificar o Quinto Império não é uma simples tarefa. Repara que até perdi um olho a fazê-lo, ainda por cima o meu prodígio. Todos nós aqui presentes confiamos em ti, acreditamos que terás o dom de reunir e incentivar multidões, o dom de recuperar a glória lusitana, garra portugalense e a sabedoria portuguesa. Não será um percurso imediato, conseguiste ver alguns obstáculos que tivemos de enfrentar e deves ter reparado que há a constante da picuinice e insensatez dos nossos amigos cidadãos. Está tudo pronto para colher, mas nenhum deles tem coragem de fazê-lo. Por medo? Não sei. Por teimosia? Por preguiça? Quem sabe que me diga, por favor.

Os escritores unem as suas obras-primas e o livro da menina é restaurado, consegue agora ver o título mudar de “O Império Esquecido” para “O Império Vingado”. Juntamente com esta mudança ouve-se um barulho ensurdecador.

- O nosso tempo chegou ao fim, tens que brilhar pequena estrela, guia a nossa pátria para um futuro revolucionário e não te esqueças...

A criança acorda, desliga o seu despertador e diz sobressaltada “... de cumprir Portugal”.

- Querida, está na hora de ir para a escola. - diz a mãe.

Quando chega perto da mãe, abraça-a com toda a sua força e afirma veementemente:

- Estou pronta para começar a leitura do livro - a mãe sorri orgulhosa.

- Achas que finalmente conseguimos? - pergunta Camões fixando o olhar na menina.

- Acho que sim. - responde o Anjo Custódio.

